

# A fortaleza que foi pelos ares

Conheça a história da Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra, usada na proteção de Belém e que guarda a curiosidade de ter 'ido aos ares' após uma explosão que resultou na sua destruição, em 1947



## MEMÓRIA

Cintia Magno

**S**em muitos recursos bélicos ou de ocupação que fossem além dos rios, a história da fundação das cidades brasileiras está muito atrelada à construção de fortificações que possibilitassem a proteção do território ocupado. Tal realidade não foi diferente quando da fundação de Belém, ainda em 1616. Marco da chegada portuguesa ao território que, posteriormente, viria a se tornar a capital do Estado do Pará, o Forte do Castelo é apenas um entre o conjunto de fortificações que foram construídas para a proteção da cidade. Parte desse reduto de apoio, a Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra (1685) guarda a curiosidade de ter 'ido aos ares' após uma explosão que resultou na sua destruição. Apesar de não existirem mais vestígios da existência da construção, o que permanece é mais essa memória da cidade de Belém.

Sob o domínio português, para que o território fosse muito bem monitorado contra a invasão de outros países, Belém recebeu uma rede de fortificações, uma série de estruturas que permitiam a vigilância de diferentes pontos. Diretora da Faculdade de Conservação e Restauro do Instituto de Tecnologia (FACORE/ITEC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), a professora Roseane da Conceição Costa Norat aponta que Belém, que então era a principal cidade no território do Grão-Pará, chegou a receber pelo menos doze estruturas dentro de fortalezas, baterias e outras sistemas projetados para garantir a proteção.

No mesmo ano de fundação da cidade, em 1616, tem-se a construção do então Forte do Castelo (hoje Forte do Presépio), localizado na ponta da Baía do Guajará com o Rio Guamá. Em seguida, em 1665, houve a construção do Forte São Pedro Nolasco, os fundos do Convento dos Mercedários. Os dois são os únicos remanescentes da rede formada para a proteção de Belém à época, restando do Forte São Pedro Nolasco apenas ruínas na área que hoje compreende o anfiteatro da Estação das Docas.

Dentre as constru-

ções que já não existem mais, está a Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra, a terceira construída em Belém ainda no século XVII. Erguida, em 1685, sobre uma ilhotilha de pedra na entrada do porto de Belém, a fortificação de planta circular teve as instalações destruídas por uma explosão já no século XX, em 09 de maio de 1947.

A professora Roseane Norat explica que a fortificação recebia esse nome porque foi construída sobre uma estrutura natural chamada de barra, a Barra de Belém. "Dentro de uma baía você vai ter determinadas faixas que, dependendo das correntes fluviomarinhas, acabam ficando em um ponto onde não há uma corrente tão forte e acaba havendo um depósito de sedimentos naquela área. Com isso, eles conseguem construir, em alguns pontos que têm esses depósitos de sedimento, no meio do rio. Então, você vai ver esse termo Fortaleza da Barra em vários lugares porque elas foram construídas na barra, que é esse termo geológico relacionado a essa formação", aponta.

## ESTRUTURA

Na estrutura circular instalada na Baía do Guajará, passando um pouco a direção da área que hoje compreende o bairro de Val-de-Cans, assim como em qualquer fortificação, ficava uma guarnição, pessoas que eram responsáveis por defender o território, formando essa vigília integrada com os demais fortes da cidade. O que ocorreu, porém, é que com o passar dos anos esse tipo de construção passou a não ter muita eficiência para a proteção das cidades, como explica a professora Roseane da Conceição Costa Norat, que pesquisou as fortificações da Amazônia. "Chega um momento em que essas estruturas vão perdendo a eficiência porque outras formas de defesa vão surgindo. As fortalezas acabam sendo praticamente abandonadas porque, quando as artilharias vão avançando, o canhão não tem mais tanta eficiência", explica. "O grande impacto vai ser já no século XX, na Primeira Guerra, quando o bombardeio começa a ser aéreo. Nesse momento, muitas fortalezas acabam sendo abandonadas e



## EM IMAGENS

1 e 2 Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra

3 Roseane da Conceição Costa Norat

FOTOS: DIVULGAÇÃO



## SAIBA MAIS

### PLANTA DA FORTALEZA DA BARRA

- A – Entrada ou corredor
- B – Corpo da guarda
- C – Ermidas
- D – Armazém para pólvora com duas portas
- E – Armazém para o mesmo apetrecho
- F – Secreta com via para as águas da praia
- G – Subida para a artilharia
- H – Casamatas
- I – Respiradouro para sair o fumo do fogão das peças
- L – Escadas
- M – Muralha e parapeito
- N – Terrapleno

**Fonte:** Planta da Fortaleza da Barra do Pará. Fonte Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, disponibilizado no livro Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará, de Augusto Meira Filho.

Hoje não há  
qualquer vestígio  
dessa fortificação

O episódio fez com que, hoje, não seja mais possível encontrar qualquer vestígio dessa fortificação histórica para a cidade, além das documentações históricas e iconografias. Como a estrutura do forte ficava em cima do rio, quando ocorre a explosão, o que resta, basicamente, é a barra, formação geológica natural que fica a maior parte do tempo submersa. Mais importante do que conseguir enxergar qualquer vestígio do que foi a construção, porém, a professora Roseane Norat considera que, quando se resgata a história da Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra, o mais importante é perceber a importância do cuidado com os bens patrimoniais da cidade. "O mais importante é gente olhar para essa memória de algo que, infelizmente não existe mais, nesse caso, por uma fatalidade, mas uma fatalidade em decorrência de uma certa irresponsabilidade de usar aquela estrutura como depósito de produtos inflamáveis", considera. "Não houve nenhuma apreensão daquela estrutura como patrimônio cultural, você vê que ela não tinha nem tombamento e isso já ocorre em 1947, quando já se tem alguns tombamentos no Brasil".

Assim como Belém, outras cidades brasileiras dispuseram de redes de fortificações que serviram à proteção do território no período de ocupação do Brasil pelos portugueses. Entre as cidades que conseguiram manter parte dessa estrutura preservada, existe um turismo de fortificações forte, como no caso de Salvador, no Estado da Bahia, por exemplo.

"Essa história serve, nos dias de hoje, para que as pessoas se lembrem que, se elas não cuidam bem dos seus bens patrimoniais, quer seja os mais antigos, quer seja aqueles que são mais recentes, a gente fica com essa memória comprometida", reflete. "Assim como foi com o Grande Hotel, assim como foi com a Fábrica Palmeira, assim como foi com o Reservatório Paes de Carvalho, essas grandes estruturas muito bonitas e simbólicas que Belém tinha e perdeu. Que sirvam de exemplo para que a gente cuide bem do que nos resta".



## Diário do Pará

Dir. Presidente  
Jader Barbalho Filho

Fundador  
Laércio Barbalho

Dir. Comercial  
Nilton Lobato

Gerente Industrial  
Dirceu Reis

Editor Responsável  
Gerson Nogueira

RBA  
Uma empresa da RBA  
Rede Brasil Amazonia

Instituto  
Verificador de  
Comunicação

IVC  
ANJ